

ORAÇÃO E MEMÓRIA

O fato

As diversas Orações Eucarísticas também chamadas de Anáforas, que constituem o centro das celebrações eucarísticas ou missas, sempre começam com uma ação de graças por algum fato da nossa fé. Algumas, como a de número 4, recordam toda a História da Salvação e, infalivelmente, todas fazem memória da Última Ceia. Nossa Profissão de fé mais antiga, chamada de Credo ou Símbolo dos Apóstolos, também é um desfilar de fatos históricos que coerentemente incluem Pilatos.

Também a Bíblia é uma coleção de histórias e estórias. Na oração que o fiel judeu recita ao entregar os donativos das primícias muitos vêem o Credo mais primitivo do povo da Bíblia. Começa: “Meu pai era um arameu errante” (Dt 26,5). O Credo é a memória da história do povo.

No livro de Neemias capítulo 9, numa celebração penitencial, há uma longa oração-memória de acontecimentos felizes e tristes. Os acontecimentos felizes mostram o amor de Deus pelo povo, em seguida vem o pecado do povo, a paciência de Deus e o castigo inevitável. Essa oração pode até ter inspirado a Oração Eucarística IV.

Inúmeros Salmos como o 136 (135) cantam também os acontecimentos que estavam na memória do povo. O discurso de Josué na assembléia das tribos em Siquém (Js 24) retoma também toda a tradição histórica do povo.

Na celebração da Páscoa entre os judeus, ainda hoje, o filho mais novo pergunta ao pai o significado de cada detalhe da celebração e a resposta do pai é contar ao filho os acontecimentos que a celebração comemora.

A razão

É claro que se celebra ou comemora não uma afirmação, uma verdade doutrinal, mas um acontecimento, um fato. Festejamos a data do nascimento de uma pessoa, não se ela pesa tantos quilos ou mede tal altura.

A fé nasce de um encontro entre o ser humano e Deus. A nossa fé nasceu de um encontro com Deus dos “sem-terra” que escaparam da escravidão do Egito. Oséias diz “Quando Israel era criança eu o amava, do Egito chamei o meu filho” (11,1) e em 2,14 diz que Javé namorou o povo no deserto.

Esse encontro com Deus no deserto, essa experiência de Deus, a aliança do Sinai, é o fato fundamental, o ponto de partida da fé judaico-cristã. E a história, os fatos que ocorreram antes da Aliança, fazem parte dela, devem ser lembrados, sem fatos anteriores não há aliança.

E a Aliança dá novo sentido aos acontecimentos. O grupo sem-terra que conseguiu escapar do Egito agora entende o que aconteceu, foi Javé quem os tirou de lá e os carregou nas costas como água que carrega nas asas seu filhote a quem está ensinando a voar (Ex 19,4 e Dt 32,11).

A Bíblia toda é um desdobramento disso, por isso é cheia de histórias, às vezes fabulosas, que mostram a presença de Deus na vida do seu povo. É uma coleção de tradições passadas de pais para filhos e que, quanto mais distantes de uma história científica, mais cheias estão de reconhecimento do amor de Deus pelo povo.

A consequência

Deus está aqui, em cada acontecimento. Fazer memória, rezar os acontecimentos do passado, não é fazer que eles fiquem no passado, é fazer que eles se tornem presentes. Se a Oração Eucarística lembra toda a História da Salvação ou lembra especificamente algum acontecimento dessa história – e sempre lembra a entrega que Jesus fez de si mesmo à morte de cruz – não o faz para que isso fique no passado, mas para que seja vivido hoje. “Mandou que se faça o mesmo que ele fez naquela Ceia derradeira”.

Fazer memória, reza o acontecimento, é fazer que ele seja meu e nosso também.
É aprender a descobrir o Senhor no meio de nós, agindo através de nós.

José Luiz Gonzaga do Prado